

A Copa do Mundo de 1958 e os discursos raciais: o caso Pelé¹

Ana Paula da Silva

Recebimento/Aprovação:

Artigo recebido em junho de 2008 e aprovado para publicação em julho de 2008

Resumo:

Este artigo tem como objetivo mapear os discursos raciais na década de 50, particularmente, no ano da Copa de 1958 para entender quais as principais idéias em voga no momento em que Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, surgiu como grande astro nacional e internacionalmente famoso. Argumento que suas declarações sobre as questões raciais no Brasil estão inscritas nos discursos proferidos nos anos 50 pelos os meios acadêmicos e os movimentos negros da época. Seu ascetismo profissional e sua crença no individuo como um valor positivo cultivado desde os tempos de juvenil na cidade de Bauru, interior paulista, foi reforçado pelos os discursos raciais dos anos 50, e, deu-lhe a certeza que as discriminações que pudesse encontrar por ser negro e de família pobre, era possível de serem vencidas, por uma postura disciplinada e profissional. Atualmente, tais idéias têm sido combatidas por alguns setores dos movimentos negros que argumentam ser as desigualdades entre bancos e negros intransponíveis, mesmo que os negros sejam ascéticos. Pelé, contudo, não mudou sua posição sobre o problema da discriminação do negro, este ainda acredita no profissionalismo e disciplina como saída possível para combater as desigualdades.

Palavras-chave: Copa de 1958, Pelé, discursos raciais, movimentos negros, intelectuais.

Abstract:

The objective of the present article is to map out the racial discourses of the 1950s, particularly as these pertain to the 1958 Football World's Cup, in order to better understand the main ideas about race which were in vogue at the time when Edson Arantes do Nascimento (Pelé) became (inter)nationally famous as a great sports star. Here, I argue that Pelé's declarations regarding race and race relations in Brazil are informed by the discourses that were prevalent among academics and Brazil's black activists during the 1950s. Pelé's professional asceticism and his belief in individualism, cultivated during his youth in the city of Bauru, were further reinforced by the racial discourses of the '50s. These views led him to believe that any discrimination which he might encounter due to his color and class could be overcome with a disciplined and professional attitude. Today, this sort of ascetic view of the world has been accused by certain segments of Brazil's black movements as being insufficient to overcome the supposedly irresolvable inequalities which exist between Brazil's black and white populations. Pelé, however, has not changed his position regarding anti-black discrimination, choosing to continue to salient professionalism and discipline as two formidable tools in the fight against racially-based discrimination and inequality.

Key words: 1958 World's Cup, Pelé, racial discourse, black movements, intellectuals.

1- Introdução.

Eu perguntava para o Zózimo e para o Didi: 'Poxa, porque não tem negro nos outros times?'

Eu achava aquilo curioso, pois para mim era normal ver negros e brancos jogando futebol juntos aqui no Brasil. Hoje em dia, em praticamente todos os times do mundo, há negros. Aquela seleção também foi importante por isso também. Para mostrar que brancos e negros podem conviver juntos normalmente - afirma. (Pelé, 2008)²

A frase proferida por Pelé em uma das inúmeras reportagens sobre a Copa de 1958, parece soar estranha nos dias de hoje, pois nos dias atuais a luta de alguns setores dos movimentos negros é o de buscar demonstrar as desigualdades entre brancos e negros e que, portanto, tais desigualdades causaram profundos danos à população “afro-brasileira” no que condiz às oportunidades no seio da sociedade. O projeto de ações afirmativas para as universidades é prova do pensamento atual destes movimentos negros.

As declarações de Pelé sobre o que é ser negro sempre reverberaram de forma negativa em alguns setores dos movimentos negros, particularmente, estes que atualmente são favoráveis às chamadas “cotas raciais” que o acusavam de não reconhecer que os negros não eram considerados cidadãos plenos na sociedade brasileira. Pelé afirmou constantemente que o preconceito não é apenas com os negros, mas também de classe. Segundo o ex-atleta, os pobres no Brasil sofrem, tanto quanto, os negros.³ Portanto, houve sempre um embate entre suas declarações e alguns movimentos negros, principalmente a partir de meados dos anos 70 em que houve um ressurgimento e novos direcionamentos nestes movimentos que culminaram nas políticas atuais.

Neste sentido, cabe a pergunta: será que este embate entre Pelé e os movimentos negros em relação aos discursos raciais foram presentes desde o seu surgimento como

ídolo de futebol mundial a partir da Copa de 1958? É esta questão que este artigo tem o objetivo de discutir: mapear os discursos raciais nos anos 50 nos meios acadêmicos e também em parte dos movimentos negros e demonstrar como a frase na epigrafe deste artigo tem fundamentos no contexto dos anos 50.

Este artigo discute a trajetória de Pelé até a sua chegada a seleção de 1958 e como os discursos raciais proferidos neste período reforçaram a sua certeza de que a melhor maneira de lutar contra o preconceito é a crença no individuo competente, capaz e ascético profissionalmente.

2. Os discursos raciais na Copa de 1958.

Os discursos raciais dos anos 50 não escaparam aos debates sobre o aprofundamento da industrialização na sociedade brasileira e, conseqüentemente, da entrada do Brasil ao *hall* dos países do Primeiro Mundo. Não pretendo aqui remontar todo o debate dessa época, mas apontar as principais tendências. Segundo Fabiano Dias Monteiro (2003), que analisou a experiência do disque-racismo no Rio de Janeiro em *Retratos em branco e preto, retratos sem nenhuma cor: a experiência do disque-racismo da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro*, os anos 50 foram importantes nas discussões sobre raça na sociedade brasileira.

Já em 1951 era aprovada a Lei Afonso Arinos, que coibia ações discriminatórias contra os negros. Também no início dessa década foi iniciado o projeto Unesco que, de acordo com Marcos Chor Maio (2004) em *Demandas globais, respostas locais: a experiência da Unesco na periferia no pós-guerra*, significou, em linhas gerais, um conjunto de estudos sobre as relações raciais no Brasil realizados por uma gama de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Tais pesquisas foram impulsionadas

pelos acontecimentos e em consequência dos discursos sobre a “pureza da raça” que eclodiram durante a Segunda Guerra Mundial e que provocaram a ascensão do nazismo e do fascismo na Europa. Para Marcos Chor Maio (*idem*), o Brasil foi visto, neste sentido, como um exemplo a ser seguido, por não viver as experiências de conflitos raciais presentes no cenário europeu. Portanto, tais estudos tinham como principal objetivo entender como isto se dava no Brasil.

Paralelamente, outro grupo importante consolidou-se através das discussões sobre raça no Brasil; era representado pelo sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, militante de uma das vertentes dos movimentos negros na época. Junto com ele estava o artista plástico Abdias do Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro (TEN), que tinha como um dos seus objetivos a criação de uma elite negra pensante que pudesse acompanhar o processo industrial brasileiro, conforme as palavras de Fabiano Dias Monteiro (*ibidem*). Além de militante, Guerreiro Ramos fez parte do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) que, segundo Caio Navarro de Toledo (2005) em *Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB*, representou a reunião de intelectuais, em sua maioria não-acadêmicos, de diferentes correntes de pensamento, voltados a encontrar soluções para os problemas brasileiros. Este instituto estava atrelado às políticas de Estado e, apesar de certa independência sobre o que pensar em relação ao poder estatal, não fugia dos ideais do “nacional-desenvolvimentismo” pregado pelo governo.

Para Fabiano Dias Monteiro (*ibidem*), as pesquisas do Projeto Unesco e os estudos de Guerreiro Ramos apontaram para idéias diversas do modo de pensar o problema do negro por estes intelectuais. Os pesquisadores ligados direta e indiretamente ao Projeto Unesco, e influenciados por seus estudos nos anos 50, atestaram que a sociedade brasileira produzia desigualdades entre bancos e negros,

aprofundadas pelo processo de industrialização em curso no país. Conseqüentemente, a precária instalação das relações de classe colocava o negro em desvantagem diante do branco.

Já Guerreiro Ramos, segundo o autor, enxergava a diminuição das desigualdades entre negros e brancos a partir da construção de uma “identidade negra” fortalecida. Por esta razão, o Teatro Experimental do Negro (TEN) tinha papel importante nessa empreitada, pois proporcionaria a auto-estima aos negros e produziria uma visão positivada a seu respeito no imaginário social. O TEN possuía esta função, ou seja, criar a consciência das desigualdades entre brancos e negros e fortalecer a identidade negra no imaginário social através das técnicas do psicodrama e da psicologia social, instrumentos estes capazes de valorizar uma identidade negra. Transcrevo a seguir trechos da aula inaugural de Guerreiro Ramos quando da abertura das sessões de grupoterapia do TEN, publicada no jornal *Quilombo*⁴ em 1950:

[...] A psicanálise representa o início da fase científica da psiquiatria. Entretanto, a deformação profissional do seu criador o induziu a erros graves, o principal dos quais é a confusão entre o biológico e o social, confusão que só recentemente foi inteiramente desfeita e especialmente graças aos esforços do médico e sociólogo austríaco Jacob Moreno, criador da sociometria. [...] Quando Auguste Comte disse que os mortos dirigem cada vez mais os vivos, pôs o dedo nesse problema da automutilação que cada homem se impõe a fim de encaixar-se no sistema social. A educação é em boa parte um treinamento que objetiva “reduzir a independência e a liberdade do indivíduo até o nível necessário à existência social”. Reiner Maria Riker disse que ela consiste em substituir os dons por lugares comuns. Nestas condições cada ser humano socialmente ajustado, por mais perfeita que seja a sociedade em que se encontra, é vítima de um déficit de espontaneidade. Na verdade o homem é um

grande consumidor de “conservas naturais”. Quase todo o seu comportamento é uma reprodução de moldes ou respostas conservadas de moldes ou respostas que ele não elaborou livremente, que lhe foram negados pelos mortos, como insinuava Auguste Comte. [...] A investigação da patologia da normalidade ou da “conserva cultural”, como quer J. L. Moreno, indica a necessidade de descobrir um processo que torne possível a integração social do homem com o mínimo possível de economia de sua espontaneidade, e ainda, naqueles que a perderam. [...] A grupoterapia lança suas raízes nesta tradição. Ela é a cultura da espontaneidade, um processo sociológico de purgação de conservas culturais (:6).

Para se entender melhor o que Guerreiro Ramos argumenta em sua aula inaugural, é preciso remeter ao artigo de Marcos Chor Maio (1995) em “A questão racial em Guerreiro Ramos”, no qual o autor indicou que o TEN tinha como um dos seus objetivos principais construir uma positivação da imagem do negro na sociedade e, portanto, “purgar as conservas culturais” era a possibilidade de se edificar uma nova consciência e a valorização de uma identidade negra que há muito era vista como negativa e inferior no imaginário social.

Segundo Fabiano Dias Monteiro (*opus cit.*), este discurso racial entrou em confronto com o *mainstream* da intelectualidade brasileira da época que, em sua maioria, acreditava na miscigenação racial como uma saída para os possíveis problemas inerentes ao “tipo nacional”. Segundo o autor, naquele momento surgiram no campo intelectual e político os discursos “pró-negro” e a intensificação do que Monteiro definiu como a “cisão racial”, a noção de que existia uma diferença intransponível entre brancos e negros. Tais discursos iriam aprofundar-se na década de 70. Farei uma discussão mais detalhada deste tema no quinto capítulo.

Por outro lado, sociólogos como Florestan Fernandes e Luiz de Aguiar Costa Pinto, segundo Monteiro (idem), intelectuais com os quais Guerreiro Ramos colidiu frontalmente por acreditar que eles construíam o negro como um problema que deveria desaparecer da vida social brasileira, ao analisarem a discriminação racial existente no país como temporária, pois à medida que este elemento fosse inserido no processo de industrialização da sociedade brasileira, ele seria plenamente incorporado ao sistema social brasileiro. Para estes intelectuais, o preconceito racial estava ligado às novas tendências do mercado a partir da industrialização da sociedade, e a incorporação dos não-brancos dependia de uma reorganização das elites brasileiras aos ajustes que a industrialização produziria na ordenação da nova sociedade. Desde então, a noção de classe seria aquela de fato importante na forma como a sociedade deveria se organizar, e não a que se baseava nos modos tradicionais de manutenção do poder.

Guerreiro Ramos argumentava que as explicações de Costa Pinto e Florestan Fernandes estavam pautadas na noção de que o negro era tido como um problema que deveria ser extirpado da sociedade, o que gerou conflitos. Lucia Lippi Oliveira (1995), em *A Sociologia do Guerreiro Ramos*, afirmou que o sociólogo em questão se dizia mais próximo às idéias de Oliveira Vianna e Nina Rodrigues em relação às condições específicas do negro do que às idéias de Gilberto Freyre, por exemplo. O intelectual pernambucano formulava o discurso da não-diferença do negro, portanto, sua incorporação dar-se-ia a partir dos processos culturais da sociedade.

Estas eram as tendências dos discursos raciais nos anos 50. Enquanto os discursos raciais das primeiras décadas – como descrevi no capítulo anterior – eram pautados numa discussão marcante das origens e da formação do “tipo nacional”, os anos 50 produziram um aprofundamento de tais questões, pois a intensificação da industrialização no Brasil gerou exposições que evidenciavam as diferenças e as

desigualdades entre brancos e negros. Dessa forma, era preciso pensar saídas possíveis para a inserção desse “tipo nacional”.

O fim da Segunda Grande Guerra e suas conseqüências para os principais mercados mundiais impulsionaram organizações internacionais como as Nações Unidas, que já em 1948 criou a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) para discutir a saída do subdesenvolvimento dos países emergentes e, segundo Lucia Lippi Oliveira (*ibidem*), produziu o discurso nacional-desenvolvimentista na sociedade brasileira. Nesse cenário, os discursos raciais no Brasil eram proferidos nos anos 50.

De acordo com Monteiro (*ibidem*), os discursos raciais nesse período tinham como principal característica encontrar soluções para a integração do negro na sociedade que se modernizava. A saída possível era fortalecer a noção de que existia uma defasagem entre brancos e negros que o processo de miscigenação não tinha sido capaz de suplantar e, assim, era preciso entender que havia diferenças históricas entre brancos e negros. As posições de Guerreiro Ramos visavam alcançar este objetivo e inserir os negros no processo de modernização da sociedade brasileira através do fortalecimento de uma “identidade negra”. Como afirmou Caio Navarro de Toledo (2005), Guerreiro foi um atuante isebiano – órgão atrelado ao governo que reuniu intelectuais para pensar e formular soluções para os problemas brasileiros – que seguiu fielmente os ideais do nacional-desenvolvimentismo. Portanto, este fortalecimento da “identidade negra” não confrontava com a visão nacionalista produzida pelo o ISEB. Dessa maneira, havia a intenção de providenciar a ascensão do negro a partir de tal idéia.

Ao levantar as tendências vigentes nos discursos raciais nos anos 50, são possíveis destacar que um deles se apoiava na noção de que era preciso construir uma

identidade negra fortalecida em oposição aos brancos para que os negros pudessem ser inseridos na sociedade industrial. Tais discursos eram proferidos por muitos, mas especialmente por Guerreiro Ramos, que afirmava ser necessário formar uma identidade negra forte no imaginário social para que isto acontecesse. No intuito de operacionalizar tal fenômeno na prática, seria necessário “purgar as conservas culturais” através da grupoterapia.

Por outro lado, sociólogos, como Florestan Fernandes, afirmavam que as desigualdades entre brancos e negros eram fruto de uma sociedade de classes em formação e que, portanto, para que os negros fossem de fato inseridos na sociedade brasileira era preciso abrir mão das “relações patrimonialistas desenvolvidas desde o colonialismo”, como explicou Monteiro (*ibidem*). As tradições culturais brasileiras, inscritas no “tipo nacional”, impediam de fato, na voz de Florestan Fernandes, o pleno desenvolvimento e a redução das desigualdades entre brancos e negros.

3. Nasce uma estrela? - Os caminhos percorridos por Pelé.

Edson Arantes do Nascimento nasceu em Três Corações, município de Minas Gerais, em 23 de outubro de 1940. Filho de João e Celeste Alves do Nascimento. Tem mais dois irmãos, Jair e Maria Lúcia Arantes do Nascimento. Seu pai foi jogador de futebol profissional

Segundo conta em sua autobiografia, *Pelé – A autobiografia*, sua vida era bem simples e pobre. Seu pai vivia a espera de uma grande oportunidade no futebol profissional. Sua mãe, não gostava da escolha de Dondinho, pois não dava para sustentar a família. A grande chance aconteceu justamente na sua ida para o Atlético Mineiro e que também se configurou no final do sonho de fazer carreira de sucesso no

futebol. Num amistoso, seu pai jogava pelo Atlético contra o São Cristóvão, do Rio de Janeiro, quando sofreu uma contusão no joelho devido ao choque com um jogador da defesa, Augusto, que foi convocado mais tarde para a seleção brasileira da Copa de 50. A partir daí, Dondinho apenas jogou em times medianos do interior, não alcançando assim, a fama que desejava. Em 1944, seu pai recebeu convite para um clube de futebol de Bauru, cidade a noroeste de São Paulo. Também teria um emprego na prefeitura da cidade. Dona Celeste, sua mãe, teria ficado aliviada por seu pai finalmente ter um emprego fixo e por isto, concordou que a família se mudasse para esta cidade.

Nesta época, Bauru se configurava como uma das cidades medianas do interior paulista, mas tendo grande importância política por fazer parte da formação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) como ponto de partida da ferrovia. Em 1904, foi criada a Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que tinha como objetivo colocar em prática um plano político que se arrastava desde o Segundo Império: construir uma ligação férrea entre o Mato Grosso até o litoral brasileiro. Várias tentativas já tinham sido feitas sem muito sucesso durante o Segundo Reinado na metade do século XIX. A Guerra do Paraguai (1865-1870) evidenciou a falta de transporte nesta região do país. Até então o transporte poderia ser feito pela bacia platina que demorava meses. Este evento forçou o Governo brasileiro na época a pensar em alternativas a este inconveniente. Sendo que, esta parte era estratégica na delimitação da fronteira nacional no oeste.

No período do Estado Novo este trecho ferroviário configurou-se numa importante região política, pois a onda de imigração ocorrida neste período levaria boa parte deste contingente ao assentamento desta área. Para o Governo era a solução definitiva para o fechamento e o delineamento das fronteiras do oeste. Tal política ficou configurada como a “marcha para o oeste” em que, houve um fluxo

imigratório/migratório na busca de novas oportunidades de trabalho e ocupação de terras.⁵

A família Arantes do Nascimento chegou a Bauru em plena implantação desta política. Seu pai, além de jogar futebol seria empregado na Prefeitura da Cidade. Em sua autobiografia Pelé retrata o que representava a ida para a cidade:

[...] A própria Bauru parecia o centro do mundo: muito maior do que qualquer outro lugar em que eu morara até aquela altura, com todo o aparato de uma cidade grande, ou assim eu imaginava: lojas, um cinema e hotéis. Na ocasião, era uma das maiores cidades do interior do Brasil e uma espécie de eixo dos transportes, atravessada por três das principais ferrovias brasileiras. Parecia um novo começo, o tipo de lugar onde se podia fazer fortuna. (pág. 20)

Não é possível afirmar que Dondinho tivesse a consciência exata do que significava Bauru economicamente naquele momento. Mas em relação a Três Corações e outras cidades mineiras de menor porte por onde a família passou, Bauru se configurava como a opção mais viável, pois seu desenvolvimento também propiciava uma liga de futebol importante nos limites do interior paulista. Ele jogou no Bauru Atlético Clube (BAC) que foi um time bastante conhecido no circuito do interior paulista. Ganhou o campeonato de 1946, denominado “Campeonato Interiorano” disputado pelos melhores times do interior do estado. Tornou-se conhecido na cidade e prestigiado no esporte. Pela biografia de Pelé, este prestígio não se converteu em fortuna para a família, pois seu joelho lesionado o colocaria mais tarde fora dos campos, mas propiciou uma vida melhor do que levavam em Três Corações.

Em relação ao futebol, seu pai parece ter feito a opção mais acertada quando se analisa a história do futebol no Brasil. Vários autores afirmam e também como foi

demonstrado na parte anterior, o desenvolvimento e, posteriormente, sua profissionalização está intimamente relacionada ao processo de industrialização e modernização dos grandes centros. Em seu artigo *Historia da vida Privada*, Nicolau Sevcenko discorre sobre a importância dos esportes no início do século XX. O autor expressa que neste período aconteceu uma “febre dos esportes” em que o culto ao corpo passa a ser predominante numa sociedade que se modificava aceleradamente. Para Sevcenko a tecnologia que corria entre os fios (eletricidade) também contagiaria o corpo na procura de uma nova maneira de relacioná-lo com o mundo:

[...] Era a eletricidade passando pelos corpos, imprimindo-lhes a compulsão do movimento, da ação, fosse espontânea, fosse mecânica, fosse em coordenação de massas. A educação física se torna obrigatória nas escolas, mas as pessoas se exercitam voluntariamente em academias, associações atléticas e na sua própria casa. (pág. 569)

As novas tecnologias imprimiam uma noção de modernidade em que o corpo deveria estar em sintonia. A busca de uma vida saudável e um corpo atlético atingiu em cheio os discursos que pregavam o esporte como meio de “disciplinar e higienizar” a população condizente com os novos tempos.

Dentro deste contexto, não é de surpreender que Bauru tivesse ligas esportivas bastante desenvolvidas desde as primeiras décadas do século XX. A expansão da cidade devido à construção da ferrovia possibilitou esta região a adotar este espírito que contaminava os grandes centros do Brasil. Segundo informações sobre Bauru através das informações fornecidas por sua Prefeitura, desde quase seu início, a cidade vivenciou a febre pelos esportes e desenvolveu ligas importantes de algumas modalidades, inclusive de futebol. Sendo que, em 1931, nasceu a Federação Bauruense de Esportes. Posteriormente, Liga Bauruense de Esportes.

Em conseqüência, a ida da família Nascimento para a cidade propiciou oportunidades a Dondinho no esporte e também em outros ramos. Pelé viveu em Bauru até conseguir contrato com o Santos Futebol Clube, em 1956, cidade do litoral paulista. Sua infância, segundo ele, teria sido passada jogando futebol pelos arredores de Bauru. Antes de chegar ao Bauru Atlético Clube, ele jogou no início da década de 50 em alguns clubes do interior. Nesta época, Pelé já se dedicava quase que integralmente ao esporte. Não gostava de estudar e sempre dizia para a sua mãe que gostaria de ser jogador de futebol, como seu pai. Para desespero de Dona Celeste que não via futuro nesta escolha, pois nem profissão ela considerava ser.

Outro fato que Pelé ressalta como importante na sua carreira foi a ida de Waldemar de Brito para comandar o Baquinho. Nome bastante conhecido no meio futebolístico tinha sido jogador da seleção brasileira em 1934, na Copa da Itália. Jogou pelo São Paulo Futebol Clube em 1933 e foi artilheiro do Campeonato Paulista no mesmo ano. Também jogou na Argentina, ao lado do irmão, Petronilho, no San Lorenzo. Seu pai o conhecia e o incentivou a assinar contrato no time juvenil do time pelas qualidades do treinador do time. Segundo Pelé, Waldemar de Brito ensinou muita coisa, inclusive ter disciplina e técnica. Introduziu novas técnicas no Baquinho, incluindo manobras sem bola e armação de jogadas. Logo o time juvenil tornou-se o mais forte da região. Com isto, parou de jogar nos times menores do interior para dedicar-se exclusivamente a equipe de Bauru. Nesta época, mantinha um emprego de meio expediente, em que vendia pastéis para uma senhora na estação ferroviária de Bauru. Em 1954, o Baquinho entrou para os registros oficiais. O Jornal Diário de Bauru, em associação com a Gazeta Esportiva, de São Paulo, organizou o segundo Campeonato Juvenil. Seu time foi campeão e Pelé terminou como artilheiro da competição, com 148 gols marcados em 33 jogos. Estava com 14 anos neste período.

Em 1958, ano de Copa do Mundo, Pelé foi convocado para a seleção brasileira. Como foi dito mais acima, esta foi a campanha mais bem preparada até então. O “Plano Paulo Machado de Carvalho” exigia que apenas os melhores jogadores técnicos e fisicamente preparados fossem convocados, pois a ideologia que estava em voga era a de que somente uma atitude empreendedora e moderna de se pensar o futebol possibilitaria o Brasil trazer um campeonato. Possivelmente embalados pela atmosfera do discurso moderno e técnico que os anos JK propiciou e impregnou todas as esferas sociais, no futebol não foi diferente. Esta era a visão que definiria a estratégia para 58. O próprio Paulo Carvalho reuniu os convocáveis numa sala e leu uma lista dos que participariam do time. Num jogo amistoso entre a seleção brasileira convocada e o Corinthians, no Pacaembu, Pelé sofreu uma contusão que quase o tira da seleção, mas o médico na época o confirmou na Copa do Mundo.⁶

Dentro deste contexto, vale ressaltar que a trajetória de Pelé até a sua chegada a seleção tem em comum o fato de que viveu no universo do futebol por causa de seu pai, mas também ter ido morar numa cidade em que o processo de urbanização e industrialização estava acelerado por seu posicionamento geográfico. Segundo José Sérgio Leite Lopes, em *A morte da “alegria do povo”*, o fato de Pelé ter tido uma vida mais bem sucedida do que a de Garrincha foi o fato de que o primeiro adquiriu um capital cultural advindo da inserção profissional no campo do futebol, conforme demonstra nesta passagem:

[...] Essa disciplina profissional, verdadeira interiorização precoce das frustrações paternas, confortada pelo capital social específico legado por Dondinho no interior do mundo do futebol, favoreceu o desenvolvimento de suas qualidades técnicas, ao mesmo tempo extrema aos problemas materiais da profissão de jogador de futebol. Enquanto Garrincha devia a

essência de seu talento ao esporte amador, os dons de Pelé só foram plenamente desenvolvidos no futebol profissional.⁷ (pág.130)

Para o autor, a trajetória profissional de Dondinho marcaria definitivamente sua própria trajetória e sua inserção no futebol proporcionando assim, uma ascensão rápida e segura a Pelé. Aqui amplio o argumento de Leite Lopes para a visão que, não só o capital cultural foi relevante em sua carreira, mas envolveu também os deslocamentos geográficos e sociais feitos pela família Arantes. A mudança de seu pai para Bauru, em plena “marcha para o oeste”, sendo esta cidade estratégica nesta política colocou primeiro seu pai em torno de oportunidades que talvez, não seriam disponíveis no interior mineiro, onde a família provinha e posteriormente, a inserção do seu filho. Pelé desde os 10 anos de idade teve a chance de jogar em times semiprofissionais da região e juvenis profissionais porque a ideologia do esporte desde o início do século XX estava interligada aos discursos da modernidade proporcionada pelos processos urbanos e industriais. Bauru e toda a região em volta, rapidamente viram as ligas esportivas proliferarem e oferecerem chances a jovens em diversas modalidades.

Segundo Michel Foucault em *História da Sexualidade*, a categoria repressora do sexo só foi possível porque se criou uma *multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais;*⁸ e, conseqüentemente, as leis criadas para a repressão foram frutos da discursividade sobre esta prática. Não poderia ter repressão sem antes criar idéias concretas sobre o que seria o sexo e suas “anomalias”. Para isto, era preciso obrigar os indivíduos a discursar sobre o assunto. No caso da modernidade, algo parecido aconteceu. Para convencer de que determinadas descobertas científicas na vida social eram necessárias e vitais ao modo de vida “burguesa” foi preciso criar uma discurso do que seria moderno nas esferas do poder.

Com isto, é possível afirmar que o futebol foi um dos elementos incorporados no discurso da modernidade construído para o Brasil. Enfim, as escolhas que Pelé fez ao longo de sua trajetória estavam imbricadas com uma discursividade da modernidade instaurada no cenário nacional, em que os esportes em geral faziam parte neste momento. Bauru representava nesta época um local estratégico nos discursos de modernidade que a construção da ferrovia proporcionava, pois todo aquele cinturão se tornou nos anos 1930/40, época em que o pai de Pelé chegou para trabalhar e morar na cidade, a terra de oportunidades: empregos e posições sociais que poderiam ser conquistadas propagandeado pelo Estado Novo.

A família Arantes introjetou os discursos da modernidade e seus valores morais disseminados na sociedade, como o *ethos* do trabalho e o que ele possibilitaria em suas vidas. Os caminhos que Pelé escolheu e prosseguiu estão relacionados a estas noções que foram sendo incorporadas por ele durante sua educação. Desde os “conselhos de Waldemar de Brito no ônibus São Paulo-Santos” até seu constante treinamento “sozinho”, estão embutidas esta visão do trabalho, técnica e aperfeiçoamento, noções da modernidade e bastante expandida na sociedade capitalista e da qual, o esporte era peça fundamental. Estas noções eram encontradas em todos os setores sociais desde o século XIX, com o início do processo industrial e urbano, até 1958, ano do campeonato. Seria muito determinista dizer que este foi o único contexto que o fez ser um jogador de sucesso. Outros fatores foram importantes também. Mas o que estou apontando certamente influenciou nesta trajetória. No momento em que ele chegou à seleção brasileira, o Brasil passava por um surto dos discursos sobre a modernidade e, portanto, reforçaram em Pelé a visão de que o ascetismo era fundamental na sua trajetória como atleta de futebol. Tal idéia também fica clara quando olhamos para os discursos raciais proferidos nos anos 50 em que o aprofundamento da industrialização e,

conseqüentemente a modernização da sociedade produziriam uma inserção maior dos negros na sociedade, desde que, assumissem uma postura ascética. Não por acaso, o ex-atleta viu em seu comportamento da época de Bauru um caminho para o seu sucesso.

4- Conclusão.

Para levar o Brasil a conquistar o seu primeiro campeonato mundial era preciso ter profissionalismo e, para isto, tinha que se ter disciplina. As crenças de Pelé foram confirmadas pela “superpreparação” da seleção brasileira. Era proibido ter complexo, aquele complexo “atávico” que impedia o Brasil de ser campeão. Aliás, esta idéia também pode ser encontrada nos discursos raciais proferidos nos anos 50. As vertentes em voga nessa época pregavam que para que o “tipo nacional” fosse aceitável seria necessário ressaltar uma identidade negra e “purgar as conservas culturais” através da grupoterapia, na versão de Guerreiro Ramos. Florestan Fernandes acreditava que a resolução dos conflitos entre brancos e negros viria com o aprofundamento de uma sociedade de classes, o que demandaria eliminar as tradições culturais brasileiras, definidas por ele como defasagem cultural do negro. Os que apostavam na mestiçagem como saída para o “tipo nacional” afirmavam que isto só seria possível através da eliminação do “complexo atávico”. Estas vertentes torciam por um pesado processo de intensificação da industrialização brasileira que poria o país no *hall* dos países do Primeiro Mundo. Entretanto, para que de fato isto ocorresse, era preciso moldar e purgar elementos inconvenientes à sua inserção nesse cenário.

Torna-se possível, assim, tendo como base tais discursos, entender a contratação do psicólogo para compor a delegação da seleção brasileira. O profissional em questão tinha como principal objetivo “purgar as conservas culturais”, eliminar o “complexo

atávico” e retirar toda a “ vaidade”, fatores que fizeram a seleção de 1950 perder o campeonato, segundo Mário Filho. Era preciso ter uma postura racional, disciplinada e profissional se o Brasil quisesse realmente conquistar a Copa do Mundo. Para que este fato se concretizasse, era necessário combater tais elementos, pois eles impediam os brasileiros de alcançar a vitória. Deveria ser eliminado o “complexo de vira-lata” inerente ao modo de vida brasileiro.

Entretanto, o governo de JK propunha operacionalizar *cinquenta anos em cinco*, pregando as mudanças desde os seus aspectos culturais até os econômicos na ânsia de curar definitivamente os “males” que assolavam os brasileiros a partir das primeiras décadas do século XX. Conseqüentemente, o desejo de exterminar o “mal” do “tipo nacional”, presente nos discursos raciais, também fazia parte das políticas de Estado e perpassou a vida cotidiana nacional.

Nessa época, o surgimento de Pelé como grande astro e a aceitação deste personagem pelos diversos setores da sociedade – como o *Jornal dos Sports*, na figura de Mário Filho, ou a publicação voltada para negros, *Hífen - o traço de união da elite*, e aqueles que acreditavam no sucesso dos negros através da ascensão econômica – foram a confirmação destas teorias. Pelé, homem negro, que ascendeu socialmente através de seu profissionalismo, disciplina e postura ascética, era o exemplo de como “purgar as conservas culturais”, “eliminar o complexo atávico” e “abandonar as tradições culturais brasileiras”.

As crenças que Pelé tinha em relação à conquista do sucesso estavam de acordo com o contexto de uma época que confirmava ser importante sua postura profissional e racional conquistada através da disciplina. Tais discursos se faziam presentes também na vida cotidiana, nas artes e até na arquitetura, com a construção de Brasília, a nova

Capital Federal. Esta cidade acabou por se transformar em um dos marcos simbólicos desse período, assim como a conquista do primeiro campeonato mundial de futebol.

Neste sentido, o que Pelé declara sobre seu sucesso está relacionado às idéias que pairavam no ar no momento de construiu sua carreira. Atualmente, o projeto de modernidade ao qual, Pelé foi inserido está passando por um processo de discussão profunda na sociedade brasileira. Contudo, sua posição sobre raça e racismo é a mesma desde sua primeira aparição no círculo das celebridades. Por esta razão, é sempre criticado quando toca nestas temáticas. O que é possível afirmar é que Pelé está inserido num momento em que as discussões sobre a modernidade pregavam a noção do trabalho como chave para a diminuição das desigualdades.

Referências Bibliográficas:

CARDOSO, Tom & ROCKMANN. *O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol*. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

FOULCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 17 ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Ghilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006 [1988].

LOPES, José Sérgio Leite. “A morte da ‘alegria do povo’”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (7): 113-135, 1992.

MAIO, Marcos Chor. *Demandas globais, respostas locais: a experiência da Unesco na periferia no pós-guerra*. In:_____. (org.). *Ciência, política e relações internacionais: ensaios sobre Paulo Carneiro*. Rio de Janeiro: Editora FOCRUZ e UNESCO, 2004. p.145-169.

_____. “A questão racial em Guerreiro Ramos”. In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs). *Raça, ciência e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/CCBB, 1996. p.179-183.

MANFREDINI NETO, Pascoal. *O trem da morte: o imaginário do progresso na Noroeste (1905-1930)*. Dissertação de Mestrado e sociologia. FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

MONTEIRO, Fabiano Dias. *Retrato em branco e preto, retratos sem nenhuma cor: a experiência do disque-racismo da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

NASCIMENTO, Edson Arantes. *Pelé: a autobiografia*. Tradução: Henrique Amat Rego Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Sociologia de Guerreiros Ramos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

PETRUS, E. “Pelé impressionou muito a conhecido escritor italiano”. *Hífen – o traço de união da elite*. Campinas, no. 14, ano II, 1960. p. 4

PRATES, Renan. *Pelé ressalta bagagem cultural como maior ganho na Copa de 1958*. Artigo publicado no *Universo On Line (UOL) Esporte: Especial Copa de 1958*. Disponível em: [http://www/esporte.uol.com.br/futebol/copa58/ultnot/2008/06/ult6121u10.jhtm](http://www.esporte.uol.com.br/futebol/copa58/ultnot/2008/06/ult6121u10.jhtm), em 26/06/2008. Acessado em 3/07/2008.

RAMOS, Guerreiro Antonio. “Apresentação da grupoterapia Guerreiro Ramos”. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Direção Abdias do Nascimento, Ano II, n. 5, p.6, Rio de Janeiro, jan. 1950.

SILVA, Ana Paula da. *Pelé e o “complexo de vira-latas”: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*. Tese de Doutorado, PPGSA/UFRJ, 2008.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

SVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: _____ (org.). *História da Vida Privada no Brasil, volume 3*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998. p. 515-699

TOLEDO, Caio Navarro de (org.). *Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005.

Notas:

¹ Este artigo foi produzido a partir do terceiro capítulo (“*Sambando com a bola nos pés*”: a década do profissionalismo, da disciplina e da modernidade) da minha tese de doutorado intitulado *Pelé e o “complexo de vira-latas”*: discursos sobre raça e modernidade defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ/IFCS) defendida em abril de 2008.

² Reportagem publicada no Universo On Line (UOL) Esporte, *Especial Copa de 58* intitulado *Pelé ressalta bagagem cultural como maior ganho na Copa de 58*. Publicada em 26/06/2008. Disponível: <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa58/ultnot/2008/06/26/ult6121u10.jhtm>.

³ Ver: Silva, Ana Paula da. *Pelé e o “complexo de vira-latas”*: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ, 2008.

⁴ O *Jornal Quilombo*, cujo subtítulo era “vida, problemas e aspirações do negro”, era o espaço de reflexão sobre as questões raciais na época. Foi idealizado e dirigido por Abdias do Nascimento e circulou de 1950 a 1951 com o objetivo de apresentar idéias, produzir reflexões e apresentar a vida social dos negros. Colaboraram no jornal diferentes matizes da intelectualidade.

⁵ Sobre a história da ferrovia de Bauru ver: Manfredini Neto, Pascoal. *O trem da morte: o imaginário do progresso na Noroeste (1905-1930)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em sociologia. FFLCH/USP, São Paulo, 1995, entre outros.

⁶ Para saber mais sobre o período JK e o “Plano Paulo Machado de Carvalho” ler: SKIDMORE, Thomas. *De Getúlio a Castelo, 1930-1964*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969. CARDOSO, Tom & ROCKMANN. *O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁷ *A morte da “Alegria do Povo”*. Pág. 130.

⁸ *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, Pag. 24.